

GUERRA DA BÓSNIA

OS ANOS DE MILOSEVIC

Adaptado por Isabel Marques

GUERRA DA BÓSNIA

A guerra na ex-Jugoslávia tem origem em conflitos que remontam a séculos. Após a Segunda Guerra o líder da resistência der da resistência ao nazismo, General Tito, manteve a união nacional. Com sua morte, em 1980, as rivalidades ressurgiram. Em 1987 a guerra voltou e a ONU mostrou muita indecisão. Estruturada na divisão capitalismo x comunismo, não se adaptou a um conflito que envolve parâmetros não ideológicos, mas culturais e religiosos. Na Europa pós-Guerra Fria potências antes aliadas estão agora em campos diferentes e estrategistas temem que a divisão do poder mundial não se dê mais no âmbito da ideologia, mas no das diferenças culturais. Esta guerra aponta para isso de forma preocupante.

Há na ex-Jugoslávia três grupos oponentes: os sérvios, católicos ortodoxos, os croatas e eslovenos, católicos romanos, e os bósnios, muçulmanos. A razão do conflito está na tentativa de cada um em criar seu próprio estado independente e etnicamente homogêneo. Para isso, tentam à força estabelecer seu território e, na medida do possível, expulsar ou até eliminar as minorias de outras religiões que ali se encontram, através da chamada "limpeza étnica".

Com a desintegração do leste europeu, o líder sérvio Slobodan Milosevic passa a controlar a antiga Jugoslávia. Forma ao sul do país a actual República Jugoslava, que engloba Sérvia e Montenegro, e alimenta o sonho de formar, com os sérvios do resto do território, a "Grande Sérvia". Mas em 1991 Croácia e Eslovénia, no norte do país, também proclamam-se independentes. Sérvios residentes na Croácia não aceitam a divisão e, apoiados por Milosevic, tomam as armas. Seguem-se sete meses de guerra, em que muitos deles são obrigados a emigrar para Sérvia e Montenegro. Mas alguns resistem e proclamam a República Sérvia da Krajina, uma ilha em território croata, enquanto Milosevic invade a Eslovénia. A ONU impõe então uma moratória de armas de três meses, forçando a retirada sérvia da Eslovénia e estabilizando provisoriamente a divisão territorial tal qual estava naquele momento.

Mas no início de 1992 os muçulmanos declaram a independência da Bósnia-Herzegovina, na região central do país, com capital em Sarajevo. É a vez dos sérvios da Bósnia não aceitarem o novo estado. Sempre com o apoio da Sérvia, formam milícias e proclamam imediatamente a República Sérvia da Bósnia. Sua violência é tão grande que os bósnios pedem a intervenção da ONU. Face às evidências de massacres promovidos pelos sérvios, esta decreta um embargo económico à Sérvia e Montenegro e já em Maio de 1993 se compromete em proteger seis cidades bósnias sitiadas, denominadas "zonas de segurança", entre elas Sarajevo. Suas populações muçulmanas aceitam entregar suas armas à ONU acreditando na protecção dos "capacetes azuis". Quanto aos croatas, antes aliados dos Bósnios contra a Sérvia, passaram a observar com interesse a possibilidade de, no caso de uma vitória sérvia, dividir com ela a Bósnia-Herzegovina (há poucas semanas retomaram até a República Sérvia da Krajina, sem resistência dos sérvios, num aparente acordo para uma futura divisão da Bósnia).

Entretanto a ONU não ofereceu a segurança prometida às seis cidades. Face ao seu imobilismo, os Sérvios não hesitaram em bombardeá-las e atacá-las, assim como, aos comboios de ajuda. Com pouco armamento e sem ordens para atacar, os "observadores" da ONU serviram de "escudos humanos" para os sérvios, que chegaram a tomar algumas das seis cidades. Aos 83 anos, o Abbé Pierre visitou Sarajevo em Julho e ficou impressionado com a "falta de palavra da ONU, que não ofereceu a ajuda prometida às cidades sitiadas". Voltou denunciando a situação desumana em que estão seus habitantes.

A situação mudou nos últimos meses. A comunidade internacional decidiu usar a força e mostrou que tem poderio suficiente para forçar alguma solução. Por que então leva tanto tempo para decidir-se a tomar atitudes enérgicas? A resposta está no confuso e antagónico envolvimento das grandes potências no conflito.

A guerra da Bósnia não interessa aos EUA, que não têm na região o menor interesse. Quando têm, como na Guerra do Golfo, bastam-lhe poucos dias para resolver o problema. Mas a cerca de um ano das eleições, os congressistas não estão dispostos a arriscar vidas americanas, pois custar-lhes-iam votos. Além disso Grécia e a Turquia, aliados estratégicos norte-americanos na região, têm na Jugoslávia um envolvimento antagónico: a Turquia, muçulmana, apoia os Bósnios, e a Grécia, ortodoxa, os Sérvios. Mas isso não impede os EUA de, com a Alemanha, armar discretamente a Croácia. Não se esquecem que se com a ajuda internacional a Bósnia-Herzegovina se firmar, a Croácia será a última fronteira católica da Europa frente aos muçulmanos.

Quanto à Europa, a sua indecisão deveu-se ao medo de uma generalização do conflito às suas portas, mais preocupante que uma guerra circunscrita à pequena Bósnia. De seu lado a Rússia apoia historicamente a Sérvia. Yeltsin até aceita medidas contra as milícias de Sérvio-bósnios, mas não quer colocar tropas sob o comando da OTAN, pois abriria um precedente à sua segurança militar. E enquanto a Inglaterra mantém seu alinhamento com os EUA, a França mudou de postura com a eleição de Chirac que, ao contrário de Mitterrand, não simpatiza com os sérvios e foi um dos responsáveis pela retomada de força da ONU.

GUERRA DA BÓSNIA

OS ANOS DE MILOSEVIC

Adaptado por Isabel Marques

Apesar de tanta ambiguidade, a comunidade internacional quer agora um acordo com o presidente sérvio Milosevic. Seu país sofre com o forte bloqueio económico (que, aliás, atinge uma população que muitas vezes se opõe a seus sonhos territoriais e étnicos) e por isso tende a aceitar uma divisão da Bósnia segundo os moldes da ONU. Resta saber se, após tantos acordos rompidos, os muçulmanos confiarão numa ONU que se mostrou completamente perdida face aos novos parâmetros impostos pelo fim da Guerra-Fria. Pois sabem que se obtiverem armas, serão capazes de retomar rapidamente os territórios que perderam. E muitos países árabes já estão se cotizando para isso. O perigo é a Bósnia se tornar, a exemplo do que ocorreu na Espanha aos desagaves vésperas da Segunda Guerra, um ensaio geral de um próximo conflito mundial.

OS ANOS DE MILOSEVIC

Limpeza étnica

Nas áreas ocupadas, os sérvios da Bósnia fazem a chamada limpeza étnica: expulsão dos não sérvios, massacre de civis, prisão da população de outras etnias e reutilização dos campos de concentração da II Guerra Mundial. A Bósnia-herzegovina pede a intervenção militar internacional, mas só recebe ajuda humanitária, como alimento e medicamentos. A Croácia entra no conflito. No primeiro momento reivindica parte do território bósnio e, em uma segunda etapa, volta-se contra a Sérvia. Com o acirramento da guerra, a OTAN envia tropas. A ONU manda uma força de paz, que, no fim de 1995, chega a 40 mil membros. Tentativas de cessar-fogo propostas pela ONU são repetidamente desrespeitadas. No início de 1995, os sérvios dominam 70% do território da Bósnia-herzegovina. O quadro muda após a Batalha de Krajina, em Agosto, da qual os croatas saem vitoriosos. A relação de forças torna-se mais equilibrada e facilita a estratégia dos Estados Unidos de promover uma negociação de paz.

A gestão do ex-presidente Slobodan Milosevic na Iugoslávia foi marcada pela polémica e por vários conflitos. Desde que Milosevic chegou ao poder, a Iugoslávia perdeu quatro de suas antigas repúblicas - a Croácia, a Bósnia, a Eslovénia e a Macedónia. Hoje o país é composto apenas pela Sérvia e pela República de Montenegro.

Durante este período, a queda de Milosevic foi tida várias vezes como iminente pelo ocidente. Finalmente, o candidato da oposição, Vojislav Kostunica, ganhou as eleições presidenciais de 24 de Setembro de 2000. A princípio, Slobodan Milosevic se recusou a aceitar a derrota. Depois de grandes manifestações lideradas pela oposição, Milosevic reconheceu a vitória de Vojislav Kostunica.

Em 28 de Junho de 2001 Milosevic foi entregue aos investigadores do Tribunal Internacional de Crimes de Guerra das Nações Unidas, em Haia horas antes do início de uma conferência em Bruxelas para arrecadar dinheiro para a reconstrução da Iugoslávia.

A extradição provocou uma crise no governo e a renúncia do primeiro-ministro, Zoran Zizic. Além da promessa de mais de US\$ 1 bilhão para reconstrução.

Tribunal de Haia

Em Maio de 1996, o Tribunal Internacional de Haia inicia o julgamento de 57 suspeitos de crimes de guerra. Os acusados mais importantes são o líder sérvio Radovan Karadzic, presidente do Partido Democrático Sérvio e da República Sérvia (Srpska), e seu principal comandante militar, o general Ratko Mladic. Ambos são responsáveis pelo massacre ocorrido na cidade de Srebrenica, no qual 3 mil refugiados bósnios muçulmanos foram executados e enterrados em fossas e 6 mil encontram-se desaparecidos. Em Maio de 1997, o Tribunal de Haia condena o sérvio-bósnio Dusan Tadic a 20 anos de prisão por crime contra a humanidade em virtude da participação no extermínio de muçulmanos na Bósnia.

1987 A SUBIDA AO PODER

GUERRA DA BÓSNIA

OS ANOS DE MILOSEVIC

Adaptado por Isabel Marques

Milosevic chega ao poder explorando o sentimento nacionalista dos sérvios. Em 1987, Milosevic assume o controlo do Partido Comunista da Sérvia. No mesmo ano, ele faz um famoso discurso a uma multidão de sérvios em Pristina, a capital de Kosovo, que marca a sua ascensão política no país.

Na ocasião, os sérvios protestavam contra o que eles viam como perseguição por parte da maioria albanesa em Kosovo. No discurso, Milosevic afirma que "ninguém jamais vai derrotar os sérvios" na província. A sua posição atrai grande apoio e se transforma em motivo de unidade entre os sérvios de todas as partes da Iugoslávia.

Com o tempo, Milosevic abandona a sua posição de líder comunista sem grande apelo e se transforma num carismático defensor do nacionalismo sérvio. Explorando o nacionalismo, ele é eleito presidente da Sérvia em 1989.

1990 A QUEDA DO COMUNISMO

A queda do regime de partido único na Iugoslávia consolida o poder de Milosevic na presidência da Sérvia. Em Janeiro de 1990, em meio ao tumulto causado pela queda do comunismo na Europa Oriental, o Partido Comunista da Iugoslávia convoca um congresso em Belgrado. Na ocasião, os membros do partido resolvem aceitar a instalação de um regime multi-partidário no país. Mas Milosevic se recusa a permitir outras reformas e as delegações da Eslovénia e da Croácia se retiram do congresso, provocando a dissolução do partido.

Em Julho de 1990, o Partido Comunista da Sérvia muda o seu nome para Partido Socialista da Sérvia, mas mantém o seu património, a sua estrutura de poder e o controle sobre a media estatal. Milosevic também mantém firme controle sobre o partido.

Logo depois, a Croácia resolve deixar a Iugoslávia e convoca eleições gerais. Milosevic reage, afirmando que se a Iugoslávia for dissolvida, as fronteiras da Sérvia têm que ser redesenhadas para incluir no seu território os sérvios que vivem fora da república. A possibilidade de uma guerra civil aumenta.

1991 A GUERRA DA CROÁCIA

A Guerra da Croácia não acaba com a vitória clara e rápida da Sérvia que muitos de seus habitantes esperavam. Depois de a Croácia ter declarado sua independência, em Junho de 1991, a minoria sérvia no país busca o apoio de Milosevic. "Nós acreditamos que os sérvios têm o direito legítimo de viver num país unido. Se tivermos que lutar para manter este direito, nós lutaremos," afirma Milosevic. Em Setembro de 1991, forças federais da Iugoslávia invadem a Croácia, dando início à guerra.

Em Dezembro de 1991, o exército da Iugoslávia e paramilitares sérvios já controlam um terço do território croata - onde vão permanecer até 1995.

Mas os custos da guerra são altos. Cerca de 20 mil pessoas morrem no conflito e cerca de 400 mil ficam desabrigadas. As vitórias sérvias levam a ONU a impor sanções económicas contra a Iugoslávia.

Mas a invasão da Croácia não impede que a Bósnia-herzegovina também decida declarar sua independência - estopim para um novo conflito nos Balcãs.

1992 A GUERRA DA BÓSNIA

A guerra da Bósnia leva à dissolução da República Federal Socialista da Iugoslávia. A Bósnia-herzegovina declara a independência em Abril de 1992, depois de um referendo convocado por muçulmanos e croatas - e boicotado pelos sérvios da república. A violência explode logo depois. Milosevic afirma que vai defender os sérvios do "genocídio provocado pelos croatas" e do "fundamentalismo islâmico" dos muçulmanos. A guerra dura mais de três anos e se transforma no mais sangrento conflito na Europa desde a Segunda Guerra Mundial.

A opinião pública em Belgrado reage de formas diferentes. Muitas pessoas, especialmente as famílias afectadas pelo conflito, querem o fim da guerra. Mas muitos outros querem proteger os sérvios da Bósnia e dão grande apoio a Milosevic.

GUERRA DA BÓSNIA

OS ANOS DE MILOSEVIC

Adaptado por Isabel Marques

Com o tempo, várias histórias de atrocidades são reveladas e a Sérvia é isolada pela comunidade internacional.

1995 O ACORDO DE DAYTON

Milosevic vai à mesa de negociações. Em meados de 1995, a Croácia retoma a iniciativa militar e recupera a maior parte do território ocupado pelos sérvios.

Como resultado, mais de 200 mil servo-croatas se refugiam na Sérvia, ampliando os problemas económicos do país, já sob sanções da ONU.

Logo depois da vitória em seu próprio território, as forças croatas dão início a uma ofensiva contra os sérvios na Bósnia. Além disso, durante três semanas as forças da OTAN bombardeiam sem parar as áreas da Bósnia controladas pelos bósnijs sérvios. Isso leva Milosevic a concordar em ir à mesa de negociação em Dayton e dar fim à guerra da Bósnia.

Com as negociações, Milosevic abandona o sonho de formação de uma Grande Sérvia e a ONU suspende parcialmente as sanções económicas adoptadas contra o país em 1991.

1996 PROTESTOS NAS RUAS

Slobodan Milosevic enfrenta grandes protestos contra seu governo. Em 1996, a oposição vence as eleições municipais nas principais cidades da Sérvia, mas o governo anula a votação sob alegação de fraude. Milhares de pessoas organizam protestos contra o governo e paralisam algumas das principais cidades, como a capital, Belgrado.

Depois de três meses, Milosevic cede e reconhece a vitória da oposição em sete cidades, inclusive Belgrado. Logo em seguida, o movimento da oposição, conhecido como Zajedno (Juntos) se dissolve sob acusações de traição e de colaboração com Milosevic.

Em Julho de 1997, Milosevic é eleito presidente da Iugoslávia pelo parlamento - controlado pelos seus aliados.

1999 A GUERRA DE KOSOVO

O conflito com a OTAN é o maior desafio ao poder de Milosevic. Depois do fim da guerra na Bósnia, começa a crescer a tensão entre os kosovares de origem albanesa e os sérvios na província de Kosovo. Em Janeiro de 1998, ocorrem confrontos entre as forças sérvias e os guerrilheiros do Exército de Libertação de Kosovo (ELK). A União Europeia e os Estados Unidos condenam a repressão aos kosovares de origem albanesa (que formam cerca de 90% da população).

Em Maio, quando a guerrilha já controla cerca de 40% do país, Milosevic concorda em negociar com os kosovares, mas as conversas não vão longe. No ano seguinte, Estados Unidos e União Europeia forçam os dois lados a retomar negociações sobre o futuro da província. A Iugoslávia rejeita uma proposta de autonomia para a província seguida pelo envio de uma força de paz internacional.

Com o impasse, a OTAN decide atacar a Iugoslávia - sem consultar a ONU ou qualquer outro organismo internacional. Durante 78 dias, a Sérvia, Montenegro e Kosovo são bombardeados sem parar. Centenas de pessoas morrem e mais de um milhão fogem para a Albânia e Macedónia.

Milosevic decide retirar suas tropas da província, mas não admite a derrota. Uma força de paz é enviada para a província de Kosovo, que passa a ser administrada de fato pela ONU.

Apesar da destruição de boa parte da infra-estrutura do país, Milosevic tenta mudar a sua imagem e aparecer para a população como o líder que vai reconstruir a Sérvia.

GUERRA DA BÓSNIA

OS ANOS DE MILOSEVIC

Adaptado por Isabel Marques

2000 A QUEDA DE MILOSEVIC

A QUEDA

Slobodan Milosevic foi derrubado do poder pelo povo em Outubro de 2000, da mesma forma que a população jugoslava ajudou-o a conquistar a presidência 13 anos antes.

Quando o presidente Slobodan Milosevic convocou eleições, em Setembro de 2000, o país sofria com as sanções impostas pelo ocidente, e milhares de sérvios estavam vivendo em pobreza absoluta.

Montenegro, a única república jugoslava que ainda se mantinha fiel à Sérvia, ameaçava romper com a federação, que vivenciava um clima de medo e instabilidade.

Quando Milosevic se recusou a reconhecer a vitória do líder da oposição, Vojislav Kostunica, centenas de milhares de pessoas saíram às ruas das grandes cidades jugoslavas em protesto e uma greve geral chegou a paralisar o país. Um por um os aliados mais próximos de Milosevic foram retirando o apoio ao presidente, incluindo a igreja Ortodoxa Sérvia e segmentos da imprensa oficial.

A confiança do povo crescia constantemente e, 10 dias depois da eleição, manifestantes invadiram e tomaram o parlamento jugoslavo e a sede da estação de TV estatal, incendiando ambos os prédios. Dezenas de policiais que inicialmente tentavam conter a multidão, tiraram seus capacetes e uniformes e se juntaram aos protestos. Era o fim do império de Milosevic.

2001 A JUGOSLÁVIA ACTUAL

A reintegração da Sérvia na comunidade internacional e a extradição de Milosevic. No dia 05 de Outubro de 2000, o novo presidente, Vojislav Kostunica declara a libertação do país em discurso para meio milhão de pessoas reunidas no centro de Belgrado.

Kostunica declara a intenção de cooperar com o Tribunal Internacional de Crimes de Guerra da antiga Jugoslávia e reintegra o país à ONU e à Organização de Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE).

Em Janeiro de 2001, são restabelecidas as relações da Sérvia com a Albânia e em Abril o ex-presidente Slobodan Milosevic é preso, acusado de corrupção e abuso de poder.

O presidente norte-americano George W. Bush impõe a extradição de Milosevic para o Tribunal de Haia, como condição para a liberação de ajuda financeira para a reconstrução da Sérvia.

Horas depois da autorização para a extradição, no dia 28 de Junho, os EUA, a Europa e o Banco Mundial se comprometem a dar US\$ 1,28 bilhão para a Sérvia.

Boa parte do dinheiro vai ser usada para pagar dívidas, mas cerca de US\$ 800 milhões vão ajudar a reerguer a economia do país, que depois da guerra tem uma taxa de desemprego de 40% e uma inflação estimada em 80% para 2001.

Fonte: www.bbc.co.uk

Fonte: www.usp.br

Fonte: www.geocities.yahoo.com.br